

Liverpool a Carlisle

Carminha
Beltrão

Setembro
2018

Liverpool a Carlisle

Por que eu não poderia deixar de conhecer Liverpool? Porque sou casada com o Eliseu e sou avó do Theo, admiradores dos Beatles. Eu sei que muita gente admira o quarteto mais famoso do mundo, eu também gosto deles, mas saber que o avô e o neto, com 63 anos de diferença entre si, gostam do mesmo tipo de música é, sem dúvida, uma evidência de que esses quatro fizeram e fazem muitas cabeças.

O que eu não imaginava era encontrar, andando pela cidade, a escultura dos quatro, inaugurada em 2015. Está tão bem-feita, que nem mesmo o bronze, que é sua matéria, parece estancar a imagem que nos faz supor que eles vão sair caminhando pela calçada.

Em que pese a importância indubitável do rock e dos Beatles, Liverpool teve vida muito antes deles. Em 1207, uma aldeia chamada Livpul recebeu uma carta régia do rei e cresceu lentamente sempre às margens do Rio Mersey. Seu período de maior expansão econômica teve início em 1715, quando se instalaram as primeiras docas, com capacidade para receber grandes navios. Em 1840, começaram a sair os primeiros com

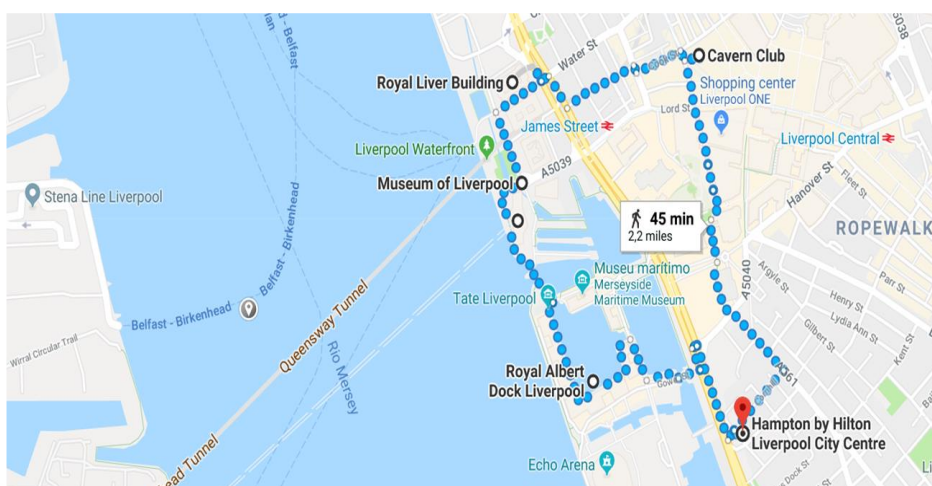


ingleses, irlandeses e outros europeus, que emigraram para a América, fugindo da escassez de batatas.

Hoje são 11 km de docas e cerca de 500 mil habitantes, mas entrando na cidade fiquei com a impressão de que ela é bem maior, talvez porque esteja conurbada com Birkenhead, ainda que o grande rio as separe.

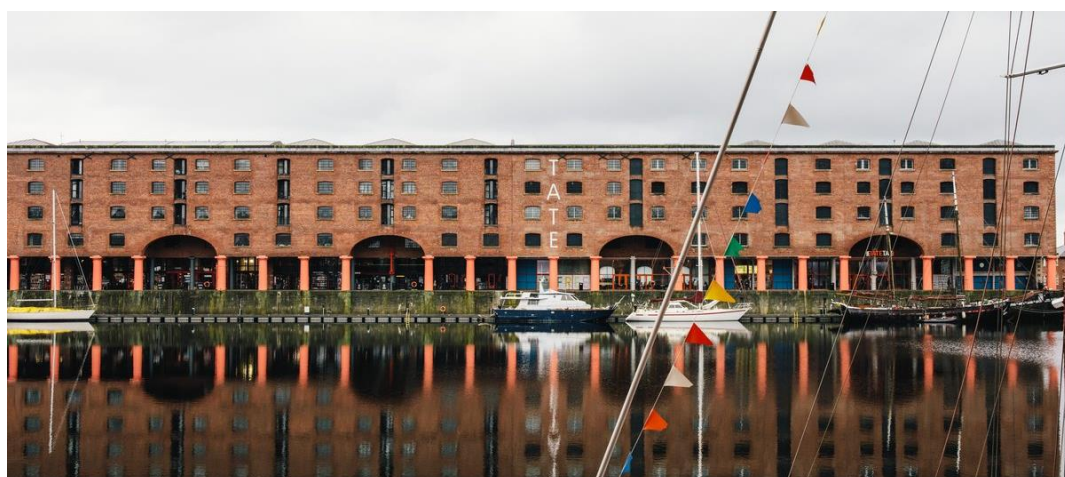


Liverpool, incrustada no estuário do rio, tem situação geográfica que favorece o desenvolvimento de sua função portuária e, em decorrência desta, a comercial. A entrada na área urbana, já no final do sábado, mostrou um trânsito intenso e uma cidade um pouco feia e um pouco bonita, ainda que o tempo que tínhamos não tenha dado para ver muita coisa. A hospedagem no Hotel Hampton facilitou o acesso a pé tanto às docas quanto ao centro da cidade que lhe é adjacente. Fizemos o percurso a pé de quase quatro quilômetros para conhecer parte das docas e do centro da cidade.



A faixa do porto neste setor representado está sendo toda renovada. Edificações em tijolo à vista que foram grandes armazéns abrigam hoje hotéis, museus, restaurantes, *pubs* e apartamentos, e estão entremeadas por construções modernas. Estas, as mais modernas que se localizam nessa faixa beira rio, podem ser vistas na foto da capa e o porto reabilitado nas duas que se seguem.

Extraídas de <https://www.gettyimages.pt/detail/foto/albert-dock-liverpool-imagem-royalty-free/591447124> e de <https://www.tate.org.uk/visit/tate-liverpool/tate-exchange-liverpool>



Na entrada desse setor renovado das docas, há uma espécie de portal antigo que, suponho (não tinha nada que me ajude a confirmar ou contraria essa hipótese) pelo

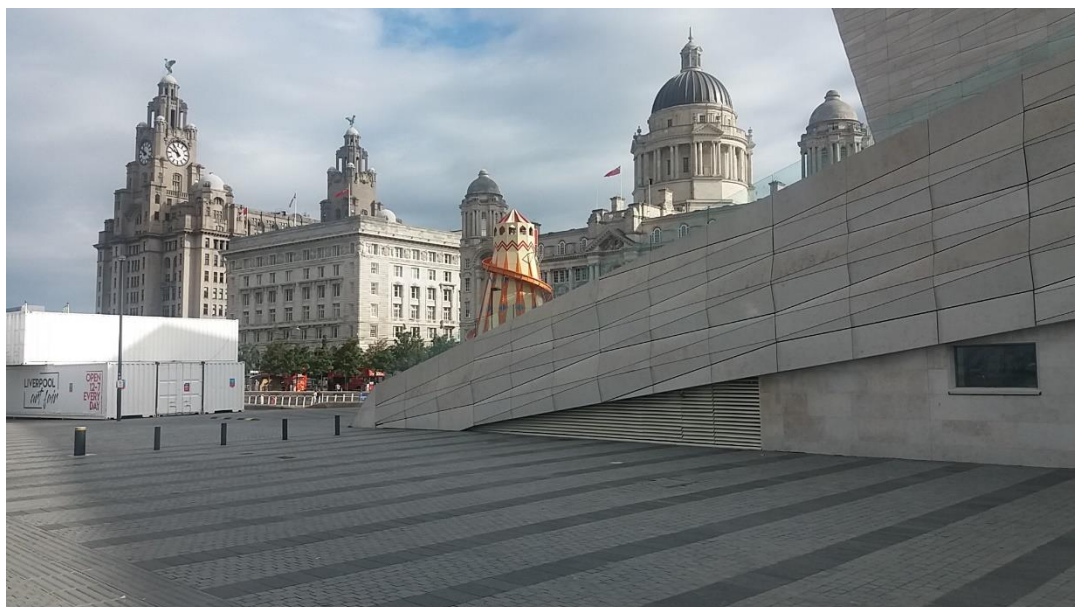
desenho e material utilizado, que remanesce do período anterior, como aliás as grandes edificações das fotografias anteriores.



Todo o piso da área renovada está adequado à caminhada beira rio. Vários bancos dispostos no espaço público favorecem a contemplação tanto dos barcos e navios, como das construções renovadas. Como é domingo, muita gente passa: jovens, crianças, idosos, alguns andam calmamente, outros vão de bicicleta, patinete ou bengala, fazendo a gente lembrar que cada um deve caminhar como pode. O que fica da experiência é, mais uma vez, a confirmação da tese de que, na Europa, o apreço pelo espaço público é grande, não apenas porque ele está bem preparado para receber as pessoas, mas porque na memória social e coletiva delas, a cidade é para ser vivida e apropriada por todos.

O Museu de Liverpool é a construção mais famosa dessa área renovada das docas. Sua arquitetura é mais bonita do que posso mostrar em fotos, porque sua situação,

entre outras construções, não favorece uma vista do conjunto, embora seja possível ver que em sua fachada está escrito Imagine Peace (na foto, só foi possível o Imagine). De sua rampa de entrada, foi registrada a foto de construções mais antigas que compõem esse conjunto.



Nesta última foto, já é possível visualizar a construção que mais me chamou atenção quando entre na cidade, o Royal Liver Building, na qual há dois pássaros

com algas no bico, chamados de Liver Birds. A edificação é portentosa, mas pesada e não chega a encantar, embora impressione muito pelo tamanho e por sua posição em relação a outras edificações que devem ser do mesmo período.



Fonte: <https://www.insidermedia.com/insider/northwest/barings-finance-royal-liver-building-acquisition>

Não poderíamos deixar de conhecer o Cavern Club, onde os Beatles começaram. O nome não é casual porque tivemos que descer quatro lances de escada para chegar ao segundo subsolo onde hoje funciona um misto de pequeno museu com cervejaria e loja de lembranças tanto desta banda como de outros roqueiros. A mim, cansou logo o cheiro forte de cerveja fermentada, o ar que parece estar lá desde muito antes dos quatro jovens ali estrear e a luz avermelhada e fraca, ou seja, de ventilação e luz natural nada. Você quer saber se vale a pena visitar esse lugar? Vale, apenas para ticar. Fiquei com a impressão de estar mais num cenário do que, efetivamente, num ambiente onde a vida acontecia ou acontece. Deve ser uma máquina de ganhar dinheiro, porque enquanto estivemos aí por uns 20 ou 30 minutos devem ter estado outras 100 pessoas e eram apenas 10h30, imagine o que deve ter de gente à noite.

A continuidade do passeio pelo centro mostrou uma área animada e vital da cidade, pois, mesmo sendo uma manhã de domingo, havia muita gente pela rua. Senhores e senhoras bem arrumados, alguns na porta da igreja, outros sentados em praças e outros caminhando. No caso dos senhores, estar bem arrumado implica em paletó e gravata, o que me faz lembrar que chama atenção o número de homens que ainda

usam paletó na Grã-Bretanha, pois em países da Europa continental isso me parece menos frequente, mas lá, mesmo que de modo casual, com calça jeans inclusive, o paletó é mais utilizado que jaquetas, por exemplo.

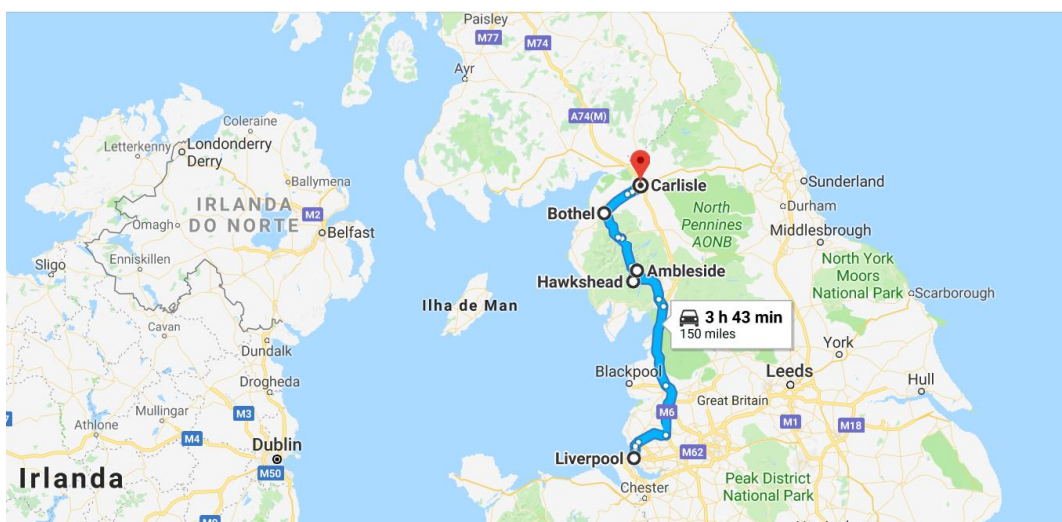
Pelo centro, também havia casais com filhos pequenos, outro aspecto que tem chamado atenção em toda a Inglaterra, vários deles com roupas indianas, mas outros tantos com aparência inglesa mesmo. Pelo horário havia poucos jovens pela rua.

Do ponto de vista arquitetônico, o centro é caracterizado por uma mescla de prédios que suponho sejam do século XIX e primeira metade do XX os quais, ainda, estão bem conservados, e uma leva nova de construções mais modernas, em vidro, concreto e aço, incluindo um shopping center. No térreo das edificações mais antigas há os pubs que são verdadeira instituição nessa ilha. Estão por toda parte, às vezes são dois ou três por quarteirão, mas sempre seguindo algumas características básicas – balcão de madeira com barra de latão, as torneiras metálicas que dão acesso aos barris de cerveja acomodados atrás desse mesmo balcão, armários também de madeira, enfeitados com vitrais e espelhos, ficam atrás do barman e neles estão dispostos copos e uma infinidade de garrafas de outras bebidas e, pelo que pude observar, além da cerveja, o quente é o whisky ou o gim. Fiquei me perguntando, vendo os pubs de Liverpool abertos, se há quem comece a beber antes do almoço e logo deduzi que sim. Para se tomar café, há outros estabelecimentos, alguns de redes ou franquias como o Costa (o mais comum por ali) ou o Starbucks. As casas de chá são menos comuns, mas ainda há várias e, nesse caso, sempre com vitrines maravilhosas mostrando os doces. Hum, que delícia!

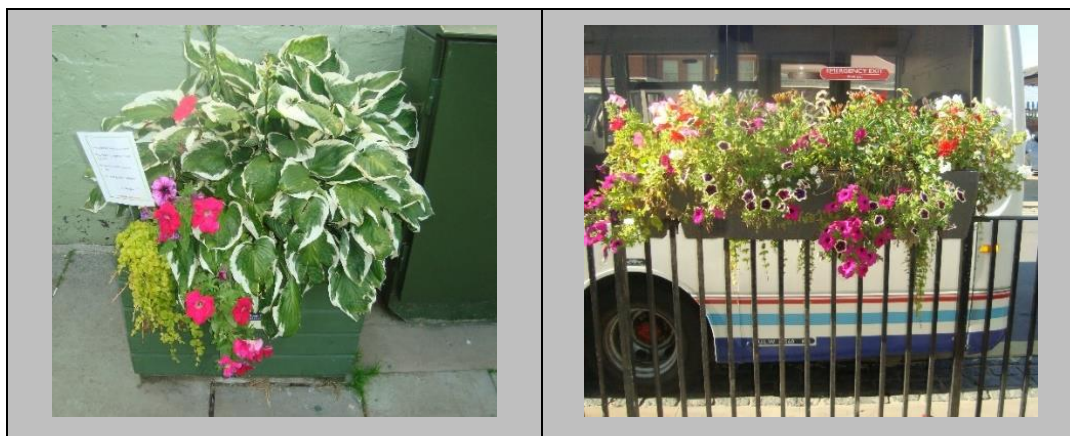
Saindo de Liverpool percorremos a região dos lagos da Inglaterra, fazendo uma parte do roteiro 19 do Guia de Estradas Visual Folha. As paisagens são muito lindas e parece, neste domingo 2 de setembro de 2018, que o país inteiro resolveu passar o final de semana aqui, tamanho é o número de carros que vão e voltam pelas estreitas estradinhas (A590, A591 e A592) e a multidão de pessoas que andam pelas ruas dos vilarejos que se distribuem às margens da água ou um pouco mais distante, em meio a propriedades rurais de todo tipo, muitas delas com casas seculares feitas e cobertas em pedra.

Segundo o que pude saber, hoje é o último dia de férias escolares de verão na Grã-Bretanha para o ensino básico e imagino como eles se sentem, sobretudo porque o reinício das atividades vem acompanhado de queda constante das temperaturas. Por todo lugar que passo, me ponho a pensar como acharia tudo menos bonito se

estivesse aqui no inverno – nada de flores, nada de árvores verdinhas, nada de gramados bonitos. Sei que a neve também tem sua beleza, mas ela limita demais a vida das pessoas.



Hawkshead, nossa primeira parada, vive em torno da casa de Beatrix Potter, que foi escritora de livros infantis. O pequeno conjunto de construções que se abrem em torno de duas ou três pracinhas, que têm mais o aspecto de pequenos largos, está alegre por volta das 14h com o sol batendo nas fachadas e tornando mais vivas as flores coloridas que estão por todos os cantos por onde passamos na ilha da Grã-Bretanha. Há, além da pequena casa museu, umas três lojas de pequenos artistas ou artesãos com algumas peças expostas várias delas bem bonita - (será que eles vendem o suficiente para sobreviver nesse lugarejo?) Vejo, ainda, um pequeno supermercado de onde as pessoas saem e entram com pequeníssimas sacolas, dois *pubs* e dois restaurantes, sendo que, no melhorzinho deles, somos informados que a comida acabou.



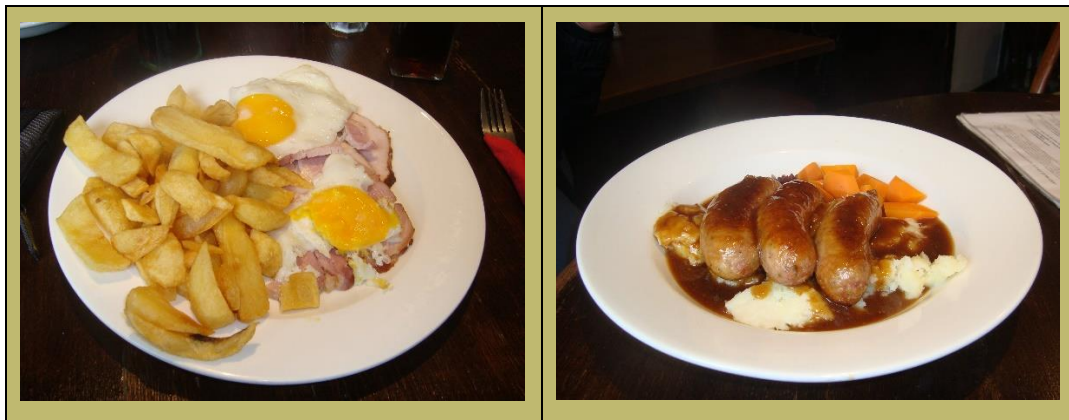


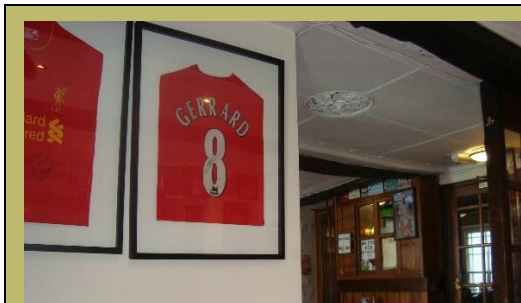
Continuamos dando uma volta e logo percebemos que apesar de inserida no roteiro e indicada pelos seus encantos, o que vemos pelas ruas de Hawkshead, hoje, são mais seus moradores do que turistas.

Já escrevi sobre o melhor de Hawkshead, agora deixa eu contar o pior: o Red Lion Restaurant (aliás o que tem de restaurante com esse nome na Inglaterra é brincadeira). Era o único que ainda servia refeições por volta de 14h30, em cuja fachada havia a placa informando que ali não se fazia *fast food* (*we do not fast food, we do fast good food*) mas comida boa e feita na hora o mais rápido que fosse possível. Até que os dizeres eram convidativos: em férias nada melhor do *slow food*. Bem, vamos aos fatos: o Red Lion não é bem um restaurante, mas uma mistura de pub com taverna. As mesas de madeira parecem que não veem um pano úmido limpo há muito tempo, pois a sujeira impregnada na madeira antiga não é limpa, mas apenas distribuída pelos tampos, à medida que a proprietária-garçonete-ajudante de cozinha passa a toalha suja que traz no bolso da calça preta.

Na pequena sala em que nos acomodamos, havia quatro mesas e nelas eram servidos fregueses que encomendavam e pagavam no balcão antecipadamente. Sim, havia ambientes separados por funções, pois, além dessa sala de refeições do lado direito, à esquerda havia outra saleta com pequenas mesas mais simples (não que as outras sejam maravilhosas) para os que apenas tomavam cervejas em canecas e copos gigantescos; de frente para a pequena entrada, estava o balcão de madeira contornado pela barra de latão que foi dourada um dia e dali o proprietário controlava o estabelecimento todo; no fundo, um salão maior que deve servir para pequenas festas e não estava aberto ao público nesse domingo.

O que comemos? Veja abaixo. As fotos são muito melhores do que o sabor da comida. As batatas fritas chegaram pelando de tão quente, os ovos frios e o presunto que estava por baixo mal frito! O molho que acompanhava as linguças não se pôde apurar do que foi feito e, talvez, seja melhor permanecer na ignorância no que se refere a essa informação, pois em lugar que a limpeza não é grande, é recomendável se conhecer pouco da cozinha – o que os olhos não veem, o coração (e o estômago) não sentem!





Quem gosta de futebol ia curtir a decoração com camisas de times e fotos de jogadores. Nem pude fazer mais registros fotográficos do ambiente, porque as outras mesas eram ocupadas pelo que julgo serem moradores dessa vila que não deve ter muito mais que 100 habitantes. Eles olhavam para nós como seres completamente estranhos ao pedaço. E éramos.

Ambleside é muito mais charmosa e valeu a visita, embora a chuva tenha voltado a cair e a falta total de estacionamento nos impossibilitou de parar como gostaríamos. A cidade fica no meio do Lake District National Park e se acomoda na margem norte do um dos lagos que compõem essa região. Dois ou três hotéis maiores tinham indicação de que eram SPAs, antigas residências estão adaptadas para hotéis menores, mas bonitos, há várias placas de B&B (Bed and Breakfast), os restaurantes estavam por toda parte e as casas de chá e cafeterias estavam lotadas. Até um outro restaurante chamado Red Lion encontramos, mas ele parece muito melhor do que o outro (veja a fachada dele na foto da esquerda). Observando os dois registros fotográficos é possível entender porque estacionar é difícil nessas cidades – ruas estreitas e, ao longo delas, enfileiram-se as construções, sem faixa sequer para uma pequena calçada.



Nossa passagem por Bothel foi total insucesso. Esperávamos chegar à colina de onde se avistaria o Castlerigg Stone Circle, um círculo de 38 pedras fincadas há 3.000 anos atrás por povos não letrados, mas que entendiam de astronomia. Fomos e voltamos pelas estradinhas, vimos todas as entradas possíveis, tentamos pelo GPS

e nada. Nenhuma alva viva pelas estradas para se perguntar. Deixamos Bothel para trás e rumamos para Carlisle.

Muitas vezes ouvir falar de Carlisle e li alguma coisa sobre essa cidade em algum compêndio de Geografia Urbana – James Johnson? Carter? Beaujeu-Garnier? Não me lembro, mas ela era citada como uma cidade fortaleza, tipo bom exemplo, para falar desse gênero de cidade.

A chegada foi uma decepção. Em parte, a chuva; em parte, o fato de que da cidadela e da fortaleza pouco resta, no entanto, lá fomos nós fazer o circuito indicado aos turistas. O pequeno resumo trazido no guia, penso que sintetiza muito bem a cidade: “Nem chique, nem cosmopolita, Carlisle tem personalidade, com forte orgulho cívico. Possui uma catedral pequena, mas bonita”. Foi por ela que queríamos começar e a encontramos fechada no final da tarde de domingo, mas foi possível observar suas pedras quase avermelhadas e a imponência da arquitetura do século XIV. Contornamos o Victoria Market Hall, construído em 1890, para observar a construção em ferro fundido, vidro e tijolo a vista que marca esse período urbano. Também não pudemos entrar porque tudo estava fechado. De todo modo, reproduzo duas fotos – catedral e castelo de Carlisle – as quais extrai do site <https://trip101.com/article/best-things-to-do-carlisle-uk>, visto que não era possível de modo algum fazer algum registro razoável embaixo de chuva.





A animação em Carlisle estava em duas enormes barracas instaladas no centro, nas quais se desenrolava o que deparei pude ser um festival de rock. Numa estavam os artistas, na outra, separada da primeira por uns 15 metros, mas voltada a vislumbrar o palco, estava a maior com mesas e cadeiras e serviços de bar, para os que assistiam os músicos. A música alta mostrava certo ânimo que não correspondia ao pequeno número de pessoas que assistiam à apresentação.

De todo modo, vamos dar a Carlisle os créditos que ela merece. Foi fundada pelos romanos, chamava-se Lugavallium e foi importante posto fronteiro da muralha de Adriano. Vamos lembrar que cidades desse tipo, no Império Romano, desempenhavam pape importante porque eram coletoras de impostos e, nelas, circulava muita riqueza. Por sua posição fronteira foi invadida por normandos e dinamarqueses. Sobreviveu a todo tipo de situação e, hoje, com seus 110 mil habitantes me passou a ideia de certa decadência econômica e social. Será que foi só impressão?

Carminha Beltrão

Setembro de 2018